

PROPOSIÇÃO DE ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO E AMBIENTAL NA COLÔNIA JULIANO MOREIRA, JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO, RJ

Alex Braz Iacone Santos¹

Pedro Carvalho Espindola²

André Fernandes Neves³

Clara Nogueira Damasceno⁴

Turismo Sustentável e Termal

Resumo

O estado do Rio de Janeiro (RJ) foi palco de diversas transformações históricas ao longo dos últimos séculos, presenciando as mudanças decorrentes dos períodos colonial, imperial e republicano. Consequentemente sucederam modificações na paisagem, na arquitetura e na cultura regional. Visando chamar a atenção para um atrativo de relevância histórica e ambiental, mas pouco conhecido no RJ, nesse trabalho abordamos e propomos a criação de um roteiro turístico para a Colônia Juliano Moreira (CJM). A CJM está localizada no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. . O levantamento dos pontos turísticos de interesse foi realizado através de uma pesquisa exploratória bibliográfica, além de visitas de campo (registros fotográficos, diagnóstico/interpretação ambiental e registro das coordenadas geográficas) e, posteriormente, representação espacial. Foram selecionados seis pontos de interesse para a composição do roteiro turístico, além de uma trilha de 1,3km de extensão em área de Mata Atlântica. Destacam-se o Aqueduto da Colônia de Psicopatas (tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional), a sede do Engenho Novo e a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). A rota proposta abre uma nova perspectiva para o desenvolvimento do turismo na região, contemplando aspectos ambientais e históricos, além de ser realizada integralmente em áreas de acesso gratuito. Embora carente de atenção por parte do poder público, é inegável a importância da CJM para o turismo histórico e ambiental do RJ.

Palavras-chave: turismo; história; meio ambiente; patrimônio.

¹Prof. Me. Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, iacone.alex@gmail.com

²Discente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pedroespindola2004@gmail.com

³Discente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, fernandesandre04@gmail.com

⁴Discente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nog.clara@icloud.com

INTRODUÇÃO

O estado do Rio de Janeiro foi palco de diversas transformações históricas ao longo dos últimos séculos, presenciando as mudanças decorrentes dos períodos colonial, imperial e republicano. Conseqüentemente sucederam modificações na paisagem, na arquitetura e na cultura regional. Dentre os atrativos turísticos mais populares do ponto de vista da história do estado, estão o centro histórico do município do Rio de Janeiro, o bairro imperial de São Cristóvão, a cidade serrana de Petrópolis, o Vale do Paraíba (ou Vale do Café) e muitos outros. Visando chamar a atenção para um atrativo de relevância histórica e ambiental, mas pouco conhecido no estado do Rio de Janeiro, nesse trabalho será abordado o potencial turístico da Colônia Juliano Moreira (CJM).

A CJM está situada em uma área propícia ao desenvolvimento do turismo em suas diferentes vertentes. O turismo ambiental é favorecido devido a sua inserção nos limites do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), uma unidade de conservação de proteção integral com aproximadamente 12.500ha . O turismo pedagógico iniciou nos últimos dois anos com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), *campus* Mata Atlântica, que começou a atuar em nos programas de educação ambiental. O potencial para o turismo histórico deve-se, principalmente, ao Núcleo Histórico Rodrigues Caldas (NHRC).

Embora a riqueza histórica e ambiental do território brasileiro favoreça a prática do turismo no país, esse ainda não é explorado na sua integralidade, tendo em vista o baixo fluxo turístico mundial para uma nação com dimensões continentais. Desta forma, a proposição e efetivação de novos roteiros vão de encontro às demandas do setor no território nacional. Neste contexto, o presente trabalho objetivou a criação de um roteiro turístico na interface história e meio ambiente na CJM.

METODOLOGIA

A CJM está localizada no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil, confinada entre os maciços da Tijuca e da Pedra Branca e ao sul se encontra limitada pelo oceano Atlântico. Foi realizado um

levantamento dos pontos turísticos de interesse através de uma pesquisa exploratória bibliográfica, além de visita de campo (realizada em 09/ago./2019 e acompanhada pela funcionária Bruna Alves Telles) para os registros fotográficos, diagnóstico/interpretação histórico-ambiental e registro das coordenadas geográficas. O programa Google Earth Pro foi utilizado para a representação espacial da rota turística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados seis pontos de interesse para a composição do roteiro turístico, além de uma trilha de 1,3km de extensão em área de Mata Atlântica (Figura 1).



Figura 1. Mapa dos atrativos turísticos da Colônia Juliano Moreira, Jacarépaguá, Rio de Janeiro, RJ. 1 = *campus* Fiocruz Mata Atlântica; 2 = Vacaria e Pocilga; 3 = Chafariz; 4 = Sede da Antiga Fazenda; 5 = Igreja de N. Sr.a dos Remédios; 6 = Aqueduto da Colônia de Psicopatas.

A trilha é de nível moderado e não recomendada para pessoas com deficiência ou idosos com baixa mobilidade. O percurso permite abordar sobre o histórico de degradação do bioma Mata Atlântica, sucessão ecológica, relações simbióticas e conservação da biodiversidade e da água. O ponto culminante está inserido em uma barragem artificial no interior do PEPB, uma das maiores florestas urbanas do mundo.

Instalada na região de um dos mais antigos engenhos de cana-de-açúcar da localidade – conhecido inicialmente como Engenho de Nossa Senhora dos Remédios e,

depois, como Engenho Novo de Jacarepaguá – a CJM foi inaugurada em 1924, mas já em 1912 o Governo do Marechal Hermes da Fonseca desapropriara o Engenho Novo, na busca de um novo espaço para as atividades das colônias de alienados situadas na Ilha do Governador – Colônia Conde de Mesquita e Colônia São Bento – já consideradas em condições inadequadas (VENANCIO; CASSILIA 2007).

O nome da colônia é em referência ao médico psiquiatra negro Juliano Moreira (1873-1933), nascido na Bahia e que dirigiu o Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, entre 1903 e 1930 (ODA; DALGALARRONDO 2000). Além dos métodos comuns à época, como o eletrochoque, na colônia os pacientes eram tratados pela praxiterapia e a assistência hetero-familiar. Os pacientes internados labutavam em atividades agrárias compatíveis com as suas capacidades mentais, como a criação de animais e a agricultura (*vide* Figura 1, ponto 2). A proposta era restabelecer o convívio social na medida da possibilidade de cada indivíduo. Inicialmente a CJM acolhia psicopatas do sexo masculino para tratamento. Posteriormente, também foram encaminhadas para a colônia pessoas com doenças transmissíveis e de tratamento ainda pouco conhecido no período, como a tuberculose e a hanseníase, além de mulheres (a partir da década de 1940).

O NHRC é administrado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e possui diversos patrimônios históricos de relevante interesse e potencial turístico. Percebe-se uma grande semelhança entre o NHRC e a cidade do Rio de Janeiro do período colonial e imperial. Seja pelo chafariz (*vide* Figura 1, ponto 3), que antes era utilizado para a distribuição pública de água, pelo aqueduto semelhante aos Arcos da Lapa ou pelas características arquitetônicas das edificações.

O aqueduto do século XVIII (*vide* Figura 1, ponto 6), tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, é composto de uma série de arcos simples e conduzia água ao engenho, no período em que a água era a força motriz da região. O patrimônio, batizado pelo IPHAN como Aqueduto da Colônia de Psicopatas, demonstra fortes sinais de abandono. As patologias estruturais denotam a necessidade urgente de obras para a conservação da construção. Percebe-se que as obras para os Jogos Olímpicos de 2016, realizados na circunvizinhança do atrativo, não reverberou em

melhorias nas estruturas dos patrimônios.

A sede do Engenho Novo (*vide* Figura 1, ponto 4) e a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (*vide* Figura 1, ponto 5), tombadas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1990, são remanescentes do século XIX. A primeira serviu como o núcleo para o tratamento dos tuberculosos e atualmente se encontra em ruínas. A Igreja é o único patrimônio conservado e que ainda pode ser adentrado pelos visitantes. Ela foi construída em 1862 no lugar de uma capela, de 1664, dedicada a mesma santa, por Dona Maria Teles Cosme dos Reis, filha de Catarina e Pascoal (ANDRADE 2010).

CONCLUSÕES

A rota proposta abre uma nova perspectiva para o desenvolvimento do turismo na região, contemplando aspectos ambientais e históricos, além de ser realizada integralmente em áreas de acesso gratuito. Embora carente de atenção por parte do poder público, é inegável a importância da CJM e do NHRC para o turismo histórico e ambiental do estado do Rio de Janeiro. Dentre as principais ameaças ao atrativo turístico estão: i) incentivo à ocupação urbana, principalmente após a construção de moradias populares do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC); ii) urbanização desorganizada, facilitada pela construção da Rodovia TransOlimpica, que promoveu impactos diretos na CJM; iii) controle de grupos milicianos na região.

REFERÊNCIAS

- VENANCIO, A. T. A. & CASSÍLIA, J. A. História da política assistencial à doença mental (1941-1956): o caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro. In: Simpósio Nacional de História - Anpuh, 24. 2007, São Leopoldo. Unisinos. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ana%20Teresa%20>>Venancio.pdf Acesso em: 13 ago. 2019.
- ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22(4), p 178-179, 2000.
- ANDRADE, I. El. J. Ruínas do Antigo Engenho Novo no Núcleo Histórico Rodrigues Caldas da Colônia Juliano Moreira: pesquisa histórica e iconográfica. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 13, p. 35-54, 2010.